

1 1 ½ TESES SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA-MUNDIAL

1 1 ½ THESIS ON THE CONCEPT OF WORLD-LITERATURE

PAULO MEDEIROS¹

RESUMO: A Literatura-Mundial é um conceito cujo tempo já deveria ter chegado como dizia Goethe, mas que continua sempre em devir. Este breve ensaio esboça uma intervenção no debate atual sobre o conceito de literatura-mundial com base na elaboração feita pelo Warwick Research Collective (WReC) em 2015. Assim, baseia-se na teoria de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein, que adota para o campo literário com referência ao trabalho de Franco Moretti. A definição básica de Literatura-Mundial aqui proposta, portanto, difere radicalmente de outras perspectivas, ao concentrar-se na literatura do sistema capitalista moderno. Num foco mais concentrado ainda, este ensaio propõe que o estudo da Literatura-Mundial seja visto como uma forma de resistência, num questionamento crítico da imaginação do centro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura-Mundial, Warwick Research Collective, centro, semi-periferia e periferia, Immanuel Wallerstein, resistência.

ABSTRACT: World-Literature is an idea whose time should have arrived already, as Goethe proclaimed, but that remains forever in becoming. This brief essay attempts an intervention on actual debates around the concept of World-Literature, based on the work developed by the Warwick Research Collective (WReC) in 2015. As such, it follows on from Immanuel Wallerstein's World-Systems Theory, which it adapts to the literary field with reference to the work of Franco Moretti. The basic definition of World-Literature that is here proposed differs radically from other perspectives as it focuses on the literature of the modern capitalist system. In an even more focused view, this essay proposes that the study of World-Literature be seen as a form of resistance and a critical questioning of the imagination of the center.

KEYWORDS: World-Literature, Warwick Research Collective, centre, semi-periphery and periphery, Immanuel Wallerstein, resistance.

1 Professor Catedrático de Estudos Ingleses e Literatura Comparada na Universidade de Warwick, Reino Unido e EUA. Pertence ao Warwick Research Collective e é pesquisador associado do projeto 'Memoirs: Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Nota Prévia: ‘Objetos no espelho estão mais próximos do que aparentam’

Uma nota prévia é um pouco como aquelas rodinhas suplementares nas bicicletas da nossa meninice. Embora feias, servem muito bem para evitar quedas frequentes e joelhos esfolados. Assim que nos sentimos um pouco mais habilitados e conseguimos a mistura certa entre movimento, velocidade e equilíbrio, são retiradas com orgulho e abandonadas nas caves, sótãos ou garagens que servem para todo esse tipo de tralha que já deixou de ser útil. Assim com esta breve, embora longa, nota explanatória também. Pode servir a quem se inicia nas manobras da Literatura-Mundial, mesmo se ignorada por quem já se sente um ás do pedal crítico, sendo depois relegada para as arrecadações do pensamento.

Este ensaio é um texto de intervenção no debate atual sobre o conceito de Literatura-Mundial. Por isso é abertamente partidário e rejeita pretensas neutralidades que só escondem sempre uma ou outra vertente ideológica. Mas isso não quer dizer que seja tendencioso. Pelo contrário, o seu rigor analítico provém exatamente da maneira aberta em como assume um lugar específico de enunciação: a Literatura-Mundial, nesta perspectiva, é a literatura do sistema capitalista moderno. Esta posição é apresentada, e defendida, como uma visão urgente de resistência. Obviamente nem todos partilharão tal visão. Seja qual for a sua razão. Uns necessitarão de tempo, sempre mais tempo, para poder digerir certas afirmações; outros podem sentir-se até diretamente ameaçados. Ambos afinal cúmplices na ofuscação neoliberal. E, como tal, empenhados em manter cortinas de fumo para preservar os seus privilégios, os seus institutos e centros, os seus discípulos e mais acólitos, assim como as abundantes oferendas que lhes são dedicadas nos altares das várias formas de mediocridade cada vez mais vitoriosas.

A discussão sobre o conceito de Literatura-Mundial vem de longe, mesmo se de tempo a tempo pareça esmorecer. Aqui, de forma muito abreviada e tendo em conta o aviso no título desta nota, saliento algumas das principais coordenadas para um possível mapa do conceito. Na origem, ocidental, do conceito estão os vários pronunciamentos de Goethe nas suas conversas com Ackermann, ao longo de vários anos. Uma das frases mais citadas é esta: “National literature is now a rather unmeaning term; the epoch of world literature is at hand” de 31 de Janeiro de 1827 (texto citado por David Damrosch em *What Is World Litera-*

ture?). Como tudo, é preciso ter em conta o seu contexto específico. Sem querer de forma alguma questionar o mérito de Goethe, penso ser aconselhável evitar os fetichismos das origens.

Aliás, deve-se sempre ter em conta que este presságio é evocado também por Karl Marx logo no início do *Manifesto*: “Os artigos espirituais das nações singulares tornam-se bem comum. A unilateralidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial”². Uma diferença fundamental entre o pronunciamento de Goethe e o de Marx é que enquanto Goethe teria em mente um grupo restrito de ‘génios’ como ele, num panteão claramente idealista e assente numa visão que se pode classificar como transcendental, para Marx a questão da ‘literatura mundial’ (o termo usado por ambos é *Weltliteratur*, que se convencionou traduzir, mesmo com algumas diferenças, para *World Literature* ou *literatura mundial*) é em primeiro lugar a questão da materialidade da literatura e do seu posicionamento no sistema de produção capitalista. No início do século XX, a designação de ‘World Literature’, ou ‘literatura mundial’ serve principalmente para agraciar coleções antológicas de clássicos com grande venda um pouco por todo o lado, quer na Europa quer no continente americano. Várias tentativas de alargar o cânone tradicional ou de questionar o conceito aparecerão mais tardiamente e menciono aqui simplesmente dois momentos: por um lado a tentativa de ancorar a *World Literature* no campo académico com o congresso realizado na Universidade de Wisconsin-Madison em 1959 (“In 1959 the University of Wisconsin–Madison hosted the first conference in the United States on the teaching of world literature (Block 1960)”, segundo Caroline Levine e B. Venkat Mani, na introdução a uma coletânea de ensaios sobre *What Counts as World Literature?*, um número temático de *Modern Language Quarterly* (2013, p. 143). Por outro lado, o trabalho com grande difusão de Sarah Lawall enquanto organizadora da *Norton Anthology of World Literature* de 1995, que se pode situar mesmo no início de uma onda sucessiva de estudos que se lhe seguirão e que viriam a colocar o conceito de Literatura Mundial no centro das discussões mais variadas sobre o futuro dos estudos literários, da disciplina de Literatura Comparada, dos estudos de tradução, e outros.

2 Edição em português organizada por José Barata-Moura e Francisco Melo, 1997. Acessível em: <<https://bit.ly/2v60yLS>>.

Já na década seguinte assiste-se a uma multiplicação de perspectivas sobre Literatura Mundial. David Damrosch com *What Is World Literature?*, de 2003, é geralmente citado como centro de uma longa discussão que dará azo a muitos outros estudos, quer no seguimento deste, quer em oposição, tal como o de Emily Apter em *Against World Literature: On the Politics of Untranslatibility*, publicado dez anos mais tarde. Entretanto, convém notar que o debate sobre Literatura Mundial deve muito a dois ensaios de Franco Moretti, ambos publicados em *New Left Review* em 2000, “Conjectures on World Literature”, e 2003, “More Conjectures”, que assinalam um diálogo que viria a repercutir-se em muitos outros locais e que continua a ter grande interesse hoje em dia, mais não seja por se basear inicialmente na teoria de Immanuel Wallerstein sobre o sistema-mundial moderno.

Embora um pouco esquecido, dada a proliferação de manuais, antologias, coletâneas, recolhas históricas e o que mais desde essa década, o livro de ensaios reunidos por Christopher Prendergast em *Debating World Literature*, de 2004, continua a ter um interesse que excede o seu momento. A multiplicidade de perspectivas reunidas por Prendergast é exemplar e talvez impossível de reproduzir hoje em dia. Benedict Anderson, Emily Apter, David Damrosch, Franco Moretti, o próprio Prendergast e outros, apresentam visões da Literatura Mundial por vezes complementares, por vezes decididamente antagónicas. Conspicuamente ausente, Pascale Casanova mesmo assim é referida, embora como alvo de crítica. O seu livro, *La République Mondiale des Lettres*, aparece já em 1999, com tradução no Brasil logo em 2002, *A República Mundial das Letras*, enquanto a tradução em Inglês só viria a aparecer bastante mais tarde, em 2007, *The World Republic of Letters*. Tal como o título, referenciando a comunidade intelectual da Europa e Estados Unidos dos séculos XVII e XVIII, já indica, a perspectiva de Casanova é fundamentalmente ocidental. Diria mais ainda, pois embora o seu livro tenha relevo e erudição, é como se tudo tivesse de passar por um filtro não só ocidental como parisiense, ao contrário das outras intervenções no debate sobre Literatura Mundial.

Em 2015, a Warwick Research Collective (WReC) publica *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*, onde uma perspectiva radicalmente diferente do conceito de Literatura-Mundial é proposta. Na base teórica das formulações aí lançadas está a teoria do desenvolvimento combinado e desigual de Trotsky, a teoria do sistema-mundial de Wallerstein (daí o

uso de hífen na designação Literatura-Mundial), e os ensaios preliminares de Franco Moretti, também eles baseados em parte nas mesmas premissas teóricas. É basicamente esta a linha que orienta este presente ensaio e por isso nada mais adiante, por ora. A não ser que nesta perspectiva a questão da periferia e da semi-periferia é um elemento central. Como é evidente, penso que isso permite uma abordagem de literaturas em língua portuguesa, quer do Brasil, Portugal ou África, que evita vários conceitos, a meu ver altamente perniciosos tal como o de 'literatura menor' (uma deturpação do termo cunhado por Deleuze e Guattari em relação a Kafka) ou o de desenvolvimento tardio ('belatedness'), geralmente invocados numa tentativa de manter uma demarcação entre centro e periferia e a correspondente hierarquia cultural cada vez mais difícil de sustentar mesmo com violência. Como o ensaio torna evidente, esta perspectiva não será do agrado de todos. Quem tenha paciência para esgravar um pouco mais ao fundo a recepção deste livro pode consultar, além de múltiplas recensões, o Fórum dedicado exclusivamente ao livro e publicado em *Comparative Literature Studies* (2016), pp. 503-561. Para evitar confusões, apresso-me a afirmar que embora este ensaio também atente uma tomada de posição clara e nítida, que talvez seja difícil de aceitar por alguns, não tem a mínima intenção polémica – já há muito que deixámos os duelos e os salões literários do século XIX para trás, assim como os seus hábitos e vícios. A nossa época é tão assoladora que desperdiçar um minuto que fosse com querelas insignificantes seria obsceno. Avante.

Para terminar esta nota, porventura demasiado longa, mas que mesmo assim aflora só de raspão assuntos fulcrais para se compreender o presente dos estudos literários, e se poder imaginar um futuro destes estudos, do campo das Humanidades mesmo, que não seja apenas uma mera e total irrelevância, uma coqueluche de certas camadas com tempo e dinheiro para tais luxos: o debate sobre o conceito de Literatura-Mundial continua. Aliás, entender o conceito como em fluxo e móvel é um dos primeiros passos para se abandonar as teias de aranha e o pó de séculos acumulado por cima e à volta de termos como 'clássicos' e 'universal'. Deixo fora de consideração não só os tais manuais, introduções e compilações que marcam principalmente o estabelecimento do campo de estudo no horizonte académico, como estudos de importância. Não me refiro aos que usam a designação de 'World Literature' como mera isca de leitores incautos. Nem tão pouco menciono estudos onde certas vertentes especulativas, como a filosofia de Heidegger, servem de arcaboço fundamental de uma versão

da Literatura Mundial: ‘Erros Meus, Má Fortuna’. Os leitores inclinados para tais vertigens não terão muita dificuldade em encontrá-los. Também deixei de lado o número crescente de estudos que decidem apresentar as literaturas nacionais de novo, desta vez envoltas no manto diáfano da ‘World Literature’. Torna-se necessário outro ensaio para poder refletir a sério sobre essa estratégia editorial. Falta ainda pensar a literatura brasileira do ponto de vista não de uma modernidade outra, atrasada, ou alternativa, mas como parte de uma modernidade singular como Fredric Jameson salienta. O que me interessaria, por exemplo, seria pensar um texto como o *Manifesto Antropofágico* não só como um texto indicativo do seu tempo e época numa comparação com a Europa, mas nas suas condições de resistência, seguindo o que já existe nesse sentido como o estudo de Luís Madureira sobre *Cannibal Modernities*, de 2005. É que a linha entre uma tomada de consciência da diferença e a continuação, mesmo se de modo muito suave, de uma exotização dessa mesma diferença, é muito ténue. Ler a Literatura Brasileira, e outras, agora, como ‘World Literature’ é um projeto tão aliciante como repleto de armadilhas – veja-se como exemplo o título recente, *Brazilian Literature as World Literature*, organizado por Eduardo F. Coutinho e publicado por Bloomsbury em 2018. Apesar da alta qualidade de tais estudos e do seu interesse tácito, acabam por apresentar mais problemas do que soluções. Por outras palavras, há muito que fazer e cada vez menos tempo nesta época por demais entregue ao princípio atroz da desigualdade e a todas as variantes de falácias do espírito, desde à mentira mais descarada à crueldade mais opressiva. *O bella ciao, bella ciao, bella ciao ciao ciao ...*

I

A Literatura-Mundial é um conceito cujo tempo já deveria ter chegado como dizia Goethe, mas que continua sempre em devir. Por literatura mundial seria possível, talvez até necessário, entender toda a literatura, de todo o mundo, em todas as línguas, de todas as épocas. Mas nada mais longe da realidade. Em vez de ser um conceito abrangente no máximo, a noção de literatura em si e a da designada literatura mundial ainda mais, sempre foi e continuará a ser uma ideia baseada na exclusividade e, na maior parte dos casos, elitismo. Não é isso que está em causa, mas sim os princípios e normas que regem essa exclusividade.

Porquê? Nada mais simples: aquilo que poderia parecer uma utopia ansiada, ao retirar as barreiras, quer visíveis quer invisíveis, em vez de dar lugar ao paraíso terrestre das letras e culturas, resultaria num nivelamento impossível de sustentar por um momento que fosse. E essa impossibilidade tem duas razões distintas: uma, talvez de menor importância mas mesmo assim considerável, o fato de, como a História repetidamente o demonstra, os processos de exclusão, em qualquer sistema, se reinventarem sem pausa já que a própria noção de sistema depende da possibilidade de estabelecer fronteiras tanto externas como internas. A segunda razão, essa sim mais forte, se bem que de tão óbvia possa parecer irrelevante, pode ser colocada da maneira mais simples possível: quando tudo fosse literatura então a literatura passaria a ser nada. Franco Moretti expôs este problema de forma contundente quando afirmou que “ler mais é sempre uma boa coisa, mas não é a solução” (“Reading more is always a good thing, but not the solution”, Moretti, 2000, p. 55). Como se pode deduzir dessa afirmação, para Moretti, a literatura mundial é, acima de tudo um problema: “world literature is not an object, it’s a *problem*, and a problem that asks for a new method” (Moretti, 2000, p. 55). Embora reconheça a importância desse posicionamento que abriu o caminho para uma reconceptualização verdadeiramente nova de Literatura-Mundial, penso que seria mais apropriado pensar a Literatura-Mundial como um processo e um projeto. À distância de quase duas décadas, é possível entrever algumas das molas impulsionadoras de Moretti. O novo método anunciado, fundamentado na prática de “distant reading” serviu como antídoto a uma hermenêutica frequentemente fechada em si mesma. Mais importante, Moretti teve o rasgão de pensar a Literatura-Mundial como sendo una e desigual. Essa definição é tão contrária quer à ideia de literatura-mundial como sendo principalmente um cânone de obras-primas, maioritariamente ocidentais, entenda-se, quer ao que viria pouco depois ser enunciado por David Damrosch como uma definição tripla da literatura mundial, simultaneamente um “modo de ler”, “uma refração elíptica das literaturas nacionais” e uma escrita que “ganharia valor em tradução” (Damrosch, 2003, p. 281). Ainda hoje se pode sentir a atração dessa fórmula, elegante e aberta ao individualismo e à lógica do mercado tão em moda no início deste século. O seu interesse no entanto, reside mais no modo em como cristaliza um complexo de atitudes para com a literatura e o mundo predicado na perpetuação do sistema vigente. Um ligeiro questionamento do cânone, aliás, serve principalmente para produzir o

híper-cânone (Damrosch, 2006). Moretti, pelo contrário, pelo menos inicialmente, parece ir contra os tempos ao ir buscar, através da teoria de Immanuel Wallerstein do Sistema-Mundial (World-Systems Theory), o conceito desenvolvido em parte por Fredric Jameson (2002), com base em Trostsky, de que a modernidade é única embora desigual porque o capitalismo internacional é um sistema uno e desigual ao mesmo tempo. E é essa ideia de Literatura-Mundial como sendo a literatura do sistema capitalista mundial, elaborada pelo Warwick Research Collective que desejo seguir aqui: “We propose, in these terms, to define ‘world literature’ as *the literature of the world-system* – of the modern capitalist world-system, that is” (WReC, 2015, p. 8).

II

Qual o início da Literatura-Mundial definida como a literatura do sistema-mundial capitalista moderno? E o que fazer com todas as grandes obras do passado cujas influências ainda hoje se fazem sentir mas que obviamente lhe são anteriores? A Literatura-Mundial também tem de ser vista como um campo de estudo. A decisão tomada pela WReC de limitar este período aos últimos dois séculos tem vantagens e desvantagens. Por um lado, mesmo tendo em conta apenas esse período, o número de obras a equacionar, como Moretti indica, excede em muito a capacidade de quaisquer leitores isolados ou em grupo. Uma solução evidente para o “problema” seria a tal leitura à distância ou a polifonia de autores múltiplos que tem vindo a caracterizar as histórias literárias mais recentes mesmo quando, como é a norma, se restringem a uma nação. Por outro lado, há que evitar o risco da miopia intelectual. Não é por causa de ter sido imaginada antes do que convencionalmente apelidamos de Modernidade que *Antígona* é menos relevante para pensar a complexidade das relações entre poder e desejo ou entre a violência do Estado e a ética individual. A diferença penso, seria a de ler os textos canónicos então não só como o marco civilizacional que são mas, e principalmente, como representando condições específicas da sociedade do seu tempo, assim como os vários usos feitos do texto nas suas múltiplas adaptações através dos tempos. Assim, Tina Chanter, ao perguntar *Whose Antigone?* (2011) centra o seu argumento na premissa de que uma corrente importante do discurso da peça, sobre as possíveis definições de cidadania, escravatura, inimigo,

estrangeiro, tem sido ignorada devido ao investimento colonial da filologia tradicional, enquanto Judith Butler (2002), por seu lado, embora retome as antigas questões da oposição entre poder estatal e dever familiar o faz com resultados igualmente subversivos. Um texto como *Os Lusíadas* de Camões (1580) que se encontra mesmo na fronteira entre modernidade, no sentido que lhe é atribuído por Wallerstein, e um tempo anterior, não caberia numa definição restrita de Literatura-Mundial que só teria o seu início no século XVIII. No entanto, já ele também é perpassado, mesmo que essa não tenha sido a opinião crítica vigente, pelas questões que viriam a preocupar a literatura moderna. Como decidir? A sugestão que me parece mais simples e ao mesmo tempo com maior potencialidade seria de considerar textos como *Os Lusíadas*, por escassos que sejam, como funcionando como charneiras entre duas épocas e dois conceitos de literatura. Mas para isso seria necessário dar mais atenção à figura de Adamastor em vez da de Vasco da Gama e dos barões assinalados.

III

Além de ser um campo de estudo a Literatura-Mundial é um campo de batalha. Para os adeptos das modas intelectuais não restam dúvidas de que a literatura mundial – melhor dizendo a *World Literature*, pois para estar dentro daquilo que é de bom tom tem de se traduzir para Inglês – é a consequência lógica do esvaziamento dos estudos pós-coloniais e até, porque não, o corolário da disciplina de literatura comparada, liberta dos constrangimentos especialistas, das referências obrigatórias ao original – mais uma vez que fino que é nos entendermos todos em English – e rejuvenada com uma pitadita do exótico. Tais visionários são de sempre e já devem estar a fazer os preparativos para escrever o epitáfio da *World Literature*, que afinal nunca poderia realizar a sua promessa. Além disso, o nacionalismo fanático está de regresso e quem sabe, uma nova teoria deve estar quase a aparecer – estas ondas, mesmo as mais fortes, nunca duram muito mais do que dez, vinte anos, e é preciso estar-se atento à nova vaga para não se ficar perdido na praia com a maré baixa. Só quem ignore mesmo de todo a realidade acadêmica poderá admirar-se com tal cenário. Em questão estão congressos, publicações, promoções, enfim autênticas carreiras. Mas a realidade também tem outras facetas. Os estudos pós-coloniais, que sofreram

imensas reticências institucionais no início, acabaram por se tornar quase uma rotina e de repente tudo era visto como ligado a uma pós-colonialidade cada vez mais abstrata e afastada das condições materiais dos textos em questão. Para evitar equívocos: não estou de modo algum a criticar a componente teórica essencial dos estudos pós-coloniais. Mas perdeu-se muita energia a tentar afastar os estudos pós-coloniais da vertente da teoria crítica materialista. A celebração do hibridismo, necessária em si que tenha sido, também não deixou de fechar os olhos às diferentes especificidades históricas e ao uso feito da miscigenação como instrumento de controlo e opressão imperial. É como se a crítica pós-colonial, em dado momento, tivesse adotado uma espécie de crença num luso-tropicalismo geral, sem esse nome, mas igualmente problemático. Facilmente se perdeu de vista o objectivo inicial anti-colonial. Curiosamente, à medida que a teoria pós-colonial começou a ser adoptada e modificada fora do contexto anglófono começou a ser vista mais e mais como obsoleta gerando uma crescente avidez para uma nova teoria nos grandes centros universitários cresceu. Quanto à literatura comparada, é fácil de compreender como no início do século XXI, as origens da disciplina podem parecer envoltas numa bruma eurocêntrica de que seria conveniente manter a distância. A ênfase dada ao cânone ocidental, com algumas exceções, parece insustentável hoje em dia para muitos. Que as condições de exílio características do início da disciplina ou o cosmopolitismo intrínseco da sua essencial oposição aos nacionalismos serôdios tenham sido sumariamente postos de lado nada mais é do que uma consequência simples da amnésia geral que parece afetar tantos hoje em dia, envoltos no que Guy Debord de maneira presciente designou como a sociedade do espetáculo. A *World Literature* na sua versão *lite* que se tornou generalizada é assim um espelho dos tempos correntes. Ela reflete tanto uma imagem de intelectuais tornados contabilistas dedicados (forçados?) a produzir cada vez mais e a ter em conta as exigências do mercado, como a imagem de um público leitor, ou o que ainda resta dele, ávido por uma maior variedade de sabores e desejoso de mestres consagrados para lhe ditar o seu modo de vida.

IV

O estudo da Literatura-Mundial pode, e deve, ser visto como uma forma de resistência. O coro dos melindrados faz-se ouvir imediatamente com a sua acusação continuamente repetida de que entreter tal ideia seria equivalente a um barbarismo redutor inqualificável e a um rebaixamento ideológico da literatura. Mas toda a crítica é ideológica de uma maneira ou outra. Protestos de isenção e neutralidade são geralmente a forma mais insidiosa de tentar fazer passar a própria opinião por uma lei geral. Antes assumir o nosso posicionamento crítico e deixar clara a intenção do estudo. Encarada tradicionalmente a literatura mundial era principalmente um aglomerado de textos tidos como especialmente edificantes capazes de exprimir o melhor da condição humana. Não terá sido essa, não continuará a ser, essa, a verdadeira instrumentalização da literatura? A visão de Goethe foi simultaneamente avançada em relação à sua época e emblemática da mesma época. A *Weltliteratur* era já imaginada de modo cosmopolita mas tratava-se ainda de uma questão de reunir alguns génios, como ele, à volta do mundo. Com a passagem do tempo a literatura mundial passou a ser mais um assunto de antologias de textos tidos como grandes clássicos e fundamentais no que é um ímpeto tanto comercial como pedagógico. Na referência à literatura mundial feita por Marx no *Manifesto*, essa noção da literatura mundial é apresentada sem reticências com o objetivo de minar o primado nacionalista na área da cultura: “A unilateralidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais vai se formando uma literatura mundial” (“Die nationale Einseitigkeit und Beschränktheit wird mehr und mehr unmöglich, und aus den vielen nationalen und lokalen Literaturen bildet sich eine Weltliteratur”). O impulso pedagógico, mesmo quando ligado ao *marketing* a literatura mundial pode ter feito sentido numa época em que a circulação e o conseqüente acesso aos livros era bastante mais restrito que hoje. Mesmo hoje, porém há casos em que se pode montar uma defesa para a produção de algumas antologias, caso elas resultem numa disseminação consideravelmente maior. No entanto, na maior parte dos casos isso não acontece. Frequentemente as antologias existem apenas como meio para alcançar o máximo lucro; ou então como objetos de prestígio claramente manipulados para influenciar a formação do cânone, e legitimados mediante apoios tácitos e mediáticos de figuras e instituições culturais e políticas. Mais lenha para as piras da vaidade

acadêmica. Pelo contrário, imaginar a Literatura-Mundial como uma forma de resistência é uma tentativa, mesmo que modesta, de confrontar a normalização da violência epistêmica cada vez mais pronunciada na sociedade atual. Pode ser apenas uma mera ilusão, pode ser que até a própria ideia de resistência e do poder emancipatório da literatura seja já hoje em dia uma miragem, um traço dos sonhos de um futuro mais humano. O aviso de Walter Benjamin em 1940 de que afinal “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra” tornou-se ainda mais importante no momento atual em que os assaltos ininterruptos à verdade (outro conceito obsoleto?) já nem sequer espantam ninguém. Mas talvez a força de resistir da literatura não seja só uma ilusão. E quero continuar a acreditar com Adrienne Rich na necessidade de mergulhar no naufrágio: “I came to explore the wreck. The words are purposes. The words are maps. I came to see the damage that was done and the treasures that prevail” (“Vim explorar o naufrágio. As palavras são guias. As palavras são mapas. Vim ver os danos provocados. E os tesouros que permanecem”, *Diving Into the Wreck*, 23).

V

Na base da Literatura-Mundial está a questão do tempo. De certo modo Goethe previu isso quando afirmou já ter chegado o tempo da *Weltliteratur* ou pelo menos assim o podemos imaginar, nos longos serões de Inverno, reclinado no seu divã, assumindo a posição mítica de criador genial posicionado entre um Norte germânico e um Sul radiantemente latino, ou um Ocidente sempre em crise e um Oriente das mil e uma maravilhas. A questão do tempo que nos deve preocupar é outra, se bem que não deixe de estar relacionada. Se a Literatura-Mundial é una e desigual, o que a torna desigual? Nos termos explicitados pela WReC, com base nos textos de Marx e Trotsky, “a teoria do ‘desenvolvimento combinado e desigual’ foi portanto criada para descrever a situação em que formas e relações capitalistas existem conjuntamente com ‘formas arcaicas da vida econômica’ assim como relações sociais, e de classe, pré-existentes” (“The theory of ‘combined and uneven development’ was therefore devised to describe a situation in which capitalist forms and relations exist alongside ‘archaic forms of economic life’ and pre-existing social and class relations”) (WReC, 2015, p.

11). Ora uma tal situação pode ser observada quer a nível global, por exemplo as oposições entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente, quer também a nível local, dentro de uma só nação e isso não deixa de se fazer sentir com enorme força na literatura. Poderíamos dar imensos exemplos mas talvez seja suficiente mencionar dois: pense-se por exemplo no romance bem conhecido – se bem que talvez pouco lido hoje em dia – de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *Il Gattopardo*, publicado postumamente em 1958, no ano seguinte à morte do seu autor depois de repetidas recusas editoriais. Como é sabido o livro situa-se no passado, num momento crucial da História para o que viria ser a Itália. O tempo está inscrito no romance desde o seu início, pois começa com uma data, Maio de 1860. Não é preciso escavar muito sobre o significado dessa data pois é a 11 de Maio de 1860 que Garibaldi, à frente do seu exército de mil homens, *Il Mille*, também conhecidos como os ‘camisas vermelhas’, desembarca em Marsala na Sicília numa investida para forçar a união da Itália. E a primeira frase do texto é de novo, uma referência temporal, desta vez, ao presente e *à morte, retirada da Ave Maria*, uma prece comum, mas com o anacronismo de aparecer em Latim: “*Nunc et in hora mortis nostrae. Amen*” (2007, p. 1). O romance é como se fosse uma Matriosca, com espirais de tempos desfasados e interligados, a Sicília em 1860 colocada na encruzilhada da mudança dos tempos modernos e na Europa, predicado nas condições económicas e sociais dum desenvolvimento desigual. *Il Gattopardo*, de forma quase excessiva, é um romance que inscreve na sua própria condição esse desfasamento e que de certo modo, sempre terá sido póstumo. O outro exemplo que desejo mencionar aqui ainda é o de Eça de Queirós, cuja obra incessantemente reflete essas condições de desigualdade profunda entre *A Cidade e as Serras*, romance também póstumo, publicado um ano depois da morte do seu autor, em 1901. Ou talvez seja de mencionar o romance imediatamente anterior, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), em que tal como no romance de Lampedusa, desde a primeira frase, “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silencio do domingo de Junho” até ao final com a meditação, mais que irónica, sobre o futuro africano de Portugal visto como uma expressão do carácter milenário de Portugal: “Até aquella antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, ha mil annos... Até agora aquelle arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem elle me lembra? – Quem? -- Portugal” (Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, 1 e 542).

VI

A tentação da lusofonia é uma faca de dois gumes. Por um lado parece oferecer uma alternativa à hegemonia anglófona; mas por outro, *não será essa apenas a substituição de um paradigma imperial*, e mais ainda pós-imperial, por outro, em tudo semelhante mesmo se em escala reduzida? Vamos a pôr as cartas na mesa. A primeira a sair é o valete de copas. Que bom. A lusofonia apresenta-se como um sonho deslumbrante que permite entrever um futuro magnífico numa comunidade verdadeiramente supranacional unida em amor fraternal e na língua portuguesa, essa dádiva sem par que Portugal teria passado ao mundo como a sua herança e legado máximos. Uma jogada aliciante, mas eis agora a segunda carta a ser virada e é... a dama de espadas. Embora haja certamente muitas oportunidades a desenvolver no espaço lusófono, se é que tal existe fora da imaginação política, a lusofonia não passa, na melhor das hipóteses de ser uma espécie de falsa consciência, instrumental apenas como panaceia inútil e ineficaz para o sentimento devastador de perda de que Portugal ainda nunca soube libertar-se; e na pior seria uma mera ferramenta neo-imperial para tentar preservar qualquer ganho material que ainda possa advir das relações comerciais entre os vários países dantes sujeitos à colonização portuguesa e a antiga metrópole. Um jogo de fantasmas entre ruínas bolorentas. De modo algum quero menosprezar a importância das literaturas escritas em Português. *Muito pelo contrário*; mas é preciso distinguir entre o valor dessas literaturas e a instrumentalização que é constantemente feita delas para fins políticos. Penso isto ser evidente mas senão atente-se no modo em como a frase de Bernardo Soares, “A minha pátria é a língua portuguesa”, continua a ser co-optada para significar o oposto do pensamento cosmopolita de Fernando Pessoa. A variedade e riqueza das literaturas escritas em Português bem poderia servir como uma alternativa a modelos dominantes, quer na esfera anglófona, quer na francófona – a *República Mundial das Letras* anunciada por Pascale Casanova (1999), por mais eloquente que seja, não deixa de representar Paris como o centro do universo. Mas para que isso se torne uma realidade seria necessário criar um diálogo extenso entre as várias literaturas a vários níveis além dos encontros internacionais ou festivais. Só quando houver um sistema eficaz e abrangente de circulação dessas literaturas se poderá então pensar em alternativas. Por enquanto, e isso é sintomático aliás, da condição histórica do imperialismo e co-

lonialismo levados a cabo por Portugal, o que se pode notar é uma espécie de contenção da literatura brasileira dentro do seu próprio mercado nacional dada a sua dimensão, ou a tentativa de projeção, também tradicional, no estrangeiro tido ainda como superior a par de uma certa soberba para com o antigo colonizador, visto como inferior. As literaturas africanas por outro lado, não obstante a sua cada vez maior importância – veja-se o alcance internacional de Mia Couto por exemplo – ainda têm toda uma série de problemas a resolver e a sua relação com a antiga metrópole, principalmente no que diz respeito à circulação, é necessariamente complexa. Portanto, se por um lado haja muito a ganhar em estudar estas literaturas de modo comparativo, por outro lado será preciso manter atenção para os seus distintos contextos históricos e regionais e estabelecer as necessárias pontes para outras literatura noutras línguas. Porque qualquer desejo de isolacionismo, nacional ou linguístico, mesmo quando afastado já das contorções ideológicas de luso-tropicalismos bafientos, deve ser reconhecido como uma espécie de veneno ideológico encoberto pela máscara da emoção numa derradeira tentativa de preservar os traços de um poder longo passado e sempre mais imaginado que real.

VI ½

Já é tarde. Uma das primeiras tarefas da Literatura-Mundial, hoje em dia, é o questionamento da imaginação do centro. É preciso descentrar, a começar pela ideia de nação, passando pela noção de cânone, e categorias falaciosas como a de literatura menor em suposta oposição às outras, nunca apelidadas de maiores, mas simplesmente de literaturas, quando muito centrais, como se fossem elas a essência natural do literário. Mais uma vez a conceptualização efetuada por Wallerstein, especialmente o surgimento da categoria de semi-periferia entre o centro e a periferia é imprescindível. A divisão entre arte popular e arte de elite ou erudita hoje em dia já se põe cada vez menos devido quer a uma problematização dessas categorias quer a simples efeitos de mercado. Quando um romance considerado como de leitura fácil, ou mera propaganda, se torna num best-seller internacional vendendo milhões de exemplares isso de imediato parece lançá-lo para a viseira da Literatura-Mundial, enquanto que uma obra do mais alto valor pode não só passar completamente despercebida pela crítica

internacional como até no seu país de origem ver-se apelidada de difícil e estranha. Parece que ouvi o sino da minha aldeia? O *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, hoje reconhecido como uma obra-prima da Literatura-Mundial, teria sido compreendido pelos seus contemporâneos ou teria sido visto como mais uma das fantasias inacabadas de Pessoa? Joyce, e outros, Beckett, Lispector, Woolf, Kafka, mesmo Proust, para me restringir a um cânone modernista bem estabelecido, foram vistos certamente como difíceis e estranhos. E hoje? Questionar a imaginação do centro não significa a substituição de um cânone por outro. Aliás, mesmo dentro da tradição central Europeia, se pode ver vários cânones. Os nomes que referi poderiam, dependendo das circunstâncias e condições, integrar aquilo a que se poderia designar como anti-cânone, sem que deixassem de modo algum de ser centrais. O descentramento que tem vindo a ser levado a cabo através dos estudos pós-coloniais, assim como dos estudos de género e culturais é importante. Mas ainda bastante limitado e sempre ameaçado. O ensino, e conhecimento, da literatura cada vez mais se assemelha a um jogo de cabra-cega para iniciados e, a continuar da mesma maneira, não faltará muito para que reverta no apanágio de uma elite extremamente reduzida como o foi durante séculos. Portanto, pode-se dizer, nada de novo. O breve interregno do pós-guerra pareceu descortinar um futuro diferente, menos desigual, embora esse cenário positivo fosse sempre restrito e bem localizado, principalmente nalgumas partes do mundo ocidental. Mas a noção de que a literatura estaria a passar por um momento de crise, que as artes, a cultura, enfim, todos os aparatos sociais estivessem também em crise, é demasiado ingénua. A bem ver, talvez a arte seja sempre caracterizada pela crise, cíclica ou permanente, que a impulsiona sempre em frente a testar novos campos, e quebrar mais barreiras. Ou seja, há crises e há crises, e convém mantermo-nos alerta para não nos deixarmos embalar quer pelos falsos gritos de lobo, quer pela cegueira daí resultante. Meia tese esta, um pouco além do meio, meia da meia? Para se sonhar a si também como descentrada e mais leve, para ter em conta a necessidade do auto-questionamento contínuo e evitar levar-se demasiado a sério. A Literatura-Mundial é de enorme importância em termos artísticos ou simplesmente de mercado, e pode, sem dúvida, intervir de maneira extremamente efetiva na sociedade, mas é sempre uma representação. E já é tão tarde.

VII

É um equívoco pensar que a Literatura-Mundial seria o oposto das literaturas nacionais. O que a Literatura-Mundial faz é pôr em questão a auto-importância das literaturas nacionais com as suas bandeirinhas sempre prontas a serem agitadas ao vento, em êxtases de tradição e património. E de “raça” também, seja o que isso for, de maneira velada ou até aberta. A linha que deveria separar a celebração de uma língua e dos seus textos principais da xenofobia nem sempre é clara ou respeitada. A literatura comparada como disciplina académica sempre se entendeu em oposição ao estudo da literatura dentro dos parâmetros de qualquer nação, pois o seu método necessariamente implica a comparação entre as várias literaturas e porque o início da disciplina é inseparável duma vocação cosmopolita, duma sensibilidade temperada no exílio e no rescaldo da maior catástrofe conhecida até então, facilitada pelo nacionalismo fanático. A Literatura-Mundial, entendida como campo de estudo, herdou esses atributos. Mesmo se a memória da catástrofe se tenha diluído, o mundo não deixa de constantemente ser assolado por novas hecatombes e a Literatura-Mundial, mesmo que dentro dos limites da representação pode, e deve, assumir o papel de testemunha, e de arquivo do que significa ser-se humano. A categoria de “nação” na sua designação moderna, embora recente, tem demonstrado enorme resiliência. O fato de ser uma invenção, uma “comunidade imaginada” na apta frase de Benedict Anderson, em nada diminui a sua capacidade mobilizadora. Antes pelo contrário, seria esse carácter fictício por assim dizer, que a tornaria mais resistente, mais adaptável a qualquer circunstância, e também mais sedenta de lealdade. Por mais fabricada que seja, e por mais encoberta na “bruma da memória” que esteja, o carácter mítico da nação empresta à literatura nacional essa mesma aura heroica. A Literatura-Mundial, ao contrário nada tem onde se apoiar ou beber tal esplendor. A ideia de uma literatura a nível planetário para a maior parte é uma abstração a mais. A Literatura-Mundial não se posiciona nem assume como o oposto das literaturas nacionais, mas sim o contrário. Para evitar a diluição geral das normas de exclusividade linguística que define as literaturas nacionais — e o uso de dialetos ou mesmo de várias línguas dentro duma mesma nação já são questões problemáticas em demasia, veja-se meramente como exemplo a questão da existência (ou não) de uma literatura belga — o salto para um conceito mais abrangente torna-se difícil. Até mesmo o que poderia parecer

tão simples como o imaginar a literatura de cada continente em si assume laivos de um requinte perverso: será que se sabe o que seria uma literatura europeia depois de todo o esforço para criar um sentimento de comunidade entre os cidadãos dos vários países europeus? E quando se fala na literatura americana o referente é a literatura de uma nação apenas, para não dizer nada a um termo como literatura africana, desprovido de sentido a não ser no plural, literaturas africanas. A Literatura-Mundial pouco ou nada pode fazer contra tal atavismo. Mas indica o caminho para uma realidade mais ampla e fluida que se desejaria no futuro, mesmo sabendo que o seu tempo, que já deveria ter chegado há muito, continua por devir.

VIII

Todas as formas literárias – e até para-literárias ou simplesmente narrativas – compõem a Literatura-Mundial. Em sentido restrito não há nenhuma forma privilegiada na Literatura-Mundial; nem a prosa nem a poesia, a representação teatral, o cinema, a banda desenhada ou as letras de uma canção popular se podem arraigar de exclusividade. O que não significa que não haja diferenças entre as várias formas em si e entre si. Por exemplo, o romance tem sido geralmente escolhido não por qualquer razão intrínseca mas pelo simples fato de ser uma forma explicitamente ligada às condições materiais em causa na análise da Literatura-Mundial como a literatura do sistema-mundial capitalista moderno: “we will treat the novel paradigmatically, not exemplarily, as a literary form in which combined and uneven development is manifested with particular salience, due in no small part to its fundamental association with the rise of capitalism and its status in peripheral and semi-peripheral societies as an import which is in Jameson’s words ‘as much a component of modernization as the importation of automobiles’ (2012, p. 476)” (WReC, 2015, p. 16). O exemplo específico dado imediatamente a seguir é retirado de *Os Cus de Judas*, de Lobo Antunes, e mais haveria a dizer sobre isso. Mas neste momento desejo realçar o fato de mais uma vez ser a questão temporal a que se impõe quer no romance em causa quer na sua teorização levada a cabo pela WReC em geral e particularmente nas múltiplas referências ao trabalho de Fredric Jameson, quer a citação específica, retirada dum ensaio sobre as antinomias do realismo e modernismo, quer o estudo

seminal sobre a singularidade da modernidade que está na base também da visão da Literatura-Mundial como una, singular, isto é, e desigual. Não é nunca demais frisar a importância dessa conceptualização da Literatura-Mundial que pode ser contestada claro, mas tem a vantagem de ser totalmente explícita e de se basear na realidade, ou pelo menos numa sua interpretação, das condições sociais e materiais, o que não se pode dizer das discussões tão elegantes como vácuas sobre uma suposta elíptica refração das literaturas nacionais, o que mais não fosse assume o padrão nacional ainda e sempre como a base. Ora, com um mínimo de reflexão deveria ser óbvio que não faz sentido – para além da lógica do mercado – produzir volume após volume de novos estudos das várias literaturas nacionais, ora centrais, ora mais ou menos periféricas, como constituindo em si uma espécie de World Literature. Já a elaboração de estudos sobre um autor em específico ou uma obra até, me parecem mais lógicos e com algum potencial se bem que para se realizar seria sempre necessário ter em conta o contexto histórico e social em questão, assim como os vários experimentalismos formais em geral intrínsecos a essas obras. Quem ousaria dizer, até mesmo ao nível estritamente formal, que o *Ecce Homo* de Nietzsche ou a poesia de Emily Dickinson não fazem parte da Literatura-Mundial?

IX

Seria tão conveniente se pudéssemos dividir a literatura entre a que, excepcional, estaria sempre a expandir o nosso horizonte estético e a outra, enfadonha e padronizada como se tivesse sido produzida em massa, que nos causa bocejos intermináveis. Uma teria o seu lugar de direito dentro da Literatura-Mundial enquanto a outra, de consumo imediato e limitado, sempre com uma validade temporal muito escassa, seria posta de parte. Mas, para além de poder ajudar na criação de antologias, tal maniqueísmo de nada serve a não ser para espicaçar a desconfiança daqueles que sempre entenderam a arte como uma futilidade supérflua da elite. Mesmo assim, deve-se dar atenção a esses processos formais experimentais que não são de forma alguma indicativos de elitismo. Experimentalismos ousados por vezes arriscam a incompreensão. O que se poderia confundir com mero estilo numa perspetiva burguesa da arte como ornamento muitas vezes revela-se como uma busca excessiva de possi-

bilidades ao nível da forma mesmo que possa levar a literatura ao seu ponto extremo. Por exemplo, face à infinita crueldade e às miríades perversões tão características, quer dos cenários mais horríficos de guerra, quer até, dos nossos pequenos quotidianos, o singular processo narrativo de António Lobo Antunes, com as suas intermináveis repetições de frases incompletas, imagens desvairadas e uma brutalidade na representação da realidade próxima do paroxismo, não é nem um luxo de esteta nem um mero capricho de menino mimado. Muito pelo contrário pode-se dizer que o que António Lobo Antunes conseguiu foi encontrar uma expressão da realidade e dos seus fantasmas hediondos que lhe faz justiça porque há muito que abandonou a trivialidade do nosso jogo de espelhos diário em favor de um realismo de tal forma excessivo que é como se tivesse passado para o outro lado da simples representação. Na sua nona tese sobre o conceito da História, Walter Benjamin oferece-nos uma das imagens mais marcantes da época moderna, o conhecido Anjo da História, com as suas asas abertas, virado para o passado e futilmente tentando conter a tempestade do progresso que sopra do Paraíso e o impele constantemente em frente deixando atrás de si só escombros e ruínas: “Er hat das Antlitz der Vergangenheit zugewendet. Wo eine Kette von Begebenheiten vor *uns* erscheint, da sieht er eine einzige Katastrophe, die unablässig Trümmer auf Trümmer häuft und sie ihm vor die Füße schleudert. Er möchte wohl verweilen, die Toten wecken und das Zerschlagene zusammenfügen” (Walter Benjamin, “Thesen über den Begriff der Geschichte”, 697) [Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. “Sobre o Conceito de História”, 226]. Esta figura do Anjo da História é extremamente complexa, paradoxal e arrojada. Como o próprio Benjamin refere, ela é baseada no *Angelus Novus*, um monotipo de Paul Klee, que Benjamin possuía e sempre o acompanhou. Quem vir uma cópia dessa figura, tão radicalmente diferente das representações tradicionais de anjos na arte sacra, não deixará de ver a imagem de Klee como excessiva e em diálogo direto com a Modernidade e as transformações efetuadas pela tecnologia, neste caso, com referência à aviação. Mas dificilmente se poderá ver nela aquilo que Benjamin viu. Não só porque a figura de Klee não corresponde à descrição dela feita por Benjamin – isso ainda seria o menos – mas porque o que

Benjamin soube fazer foi a transformação da radicalidade da arte de Klee para a sua narrativa e subjacente teorização.

X

De regresso, não a uma Ítaca qualquer, mas a dois pontos fundamentais para a conceptualização da Literatura-Mundial como una e desigual: a questão de desfasamento temporal e a questão da periferia. Os dois pontos estão de tal modo imbricados um no outro que articulá-los separadamente, além de fútil, seria apenas contra-produtivo. Da argumentação extensa levada a cabo pela WReC sobre este assunto desejo salientar apenas alguns nódulos que penso terem especial relevância. Em primeiro lugar o posicionamento de Portugal como entidade semi-periférica, pelo menos desde 1580, ou seja, no início mesmo do que seria a Modernidade tal como Wallerstein a compreende, faz com que as duas questões possam ser testadas com alguma facilidade, já que Portugal reúne em si características quer do centro europeu quer da periferia composta pelo resto do mundo numa perspetiva tradicional eurocêntrica. A observação óbvia aqui, mas que na maior parte dos casos falta, é de que a Europa em si não é homogénea, mas sim um conglomerado de retalhos e regiões, até mais do que nações em certas instâncias, e que o seu desenvolvimento não é, e nunca foi, o mesmo em simultâneo. Uma das questões principais do romance de Lampedusa, *Il Gattopardo*, é precisamente essa em relação a Itália. Na imaginação do centro que perdura, aparecem por vezes referências a Portugal como a periferia da Europa. Claro, Portugal está na ponta mais ocidental da Europa, é um país pobre em recursos, que sofreu o jugo da ditadura fascista durante quase cinquenta anos e que teria sido um colonizador fraco. Mas o ter tido um papel significativo na expansão europeia de início e ter mantido, mesmo como esqueleto, um Império considerável, faz com que Portugal não possa ser visto como periferia. Mesmo que partes de Portugal o fossem, e quase que ainda o são hoje, a posição de contato entre centro e periferia é dominante. Assim, a literatura portuguesa – e por extensão, pelo menos em parte, as literaturas produzidas em Português, poderiam ser vistas como um campo propício para se compreender o funcionamento da Literatura-Mundial. Entre parênteses diga-se que a designação de Literatura Mundial não deve ser confundida simplesmente com a *Weltliteratur* nem com

a *World Literature*, e muito menos com a *Littérature-Monde*. Para já porque as traduções de conceitos muitas vezes falham ou até chegam a atraí-los. E, parêntese entre parênteses, toda a questão da relação entre tradução e Literatura-Mundial é importante e tem sido alvo de discussão. Aqui, prefiro não a abordar e partir do princípio que a tradução é indispensável para a Literatura-Mundial, mas sem cair em fundamentalismos de qualquer tipo nem aceitar a definição de *World Literature* proposta por David Damrosch como sendo a literatura que ganha em tradução. A Literatura-Mundial simplesmente não é a *Littérature-Monde*; não se restringe de modo algum ao espaço linguístico composto por uma das antigas línguas imperiais, seja o Francês seja o Português, seja o Inglês. Durante muito tempo Portugal pareceu estar permanentemente em atraso em relação a uma Europa sempre mais avançada e mais moderna. O mesmo se poderia dizer do Brasil depois da Independência. Isso sem dúvida terá sido uma das causas para o complexo de inferioridade que ainda hoje – mas em escala muito menor, se faz sentir um pouco através das várias camadas sociais. Ora, tal atraso pode ser visto, como Boaventura de Sousa Santos, entre outros, notou, como sendo exatamente um sintoma da condição semi-periférica, já referida. E no entanto, as literaturas portuguesa e brasileira sempre produziram obras notáveis, mesmo quando se possa pensar, no caso do Brasil pelo menos, que o romance tivesse sido inicialmente um produto de exportação. A esse respeito a análise feita por Roberto Schwartz em *Ao vencedor as batatas* (1977) continua a ser fundamental. Tanto os modernismos portugueses como brasileiros – a questão do modernismo em África tem sido muito menos trabalhada – apresentam facetas de grande relevância para a compreensão do Modernismo tal como as figuras de Fernando Pessoa e Oswald de Andrade. Poderia multiplicar exemplos mas a sugestão que desejo deixar para desenvolvimento subsequente é simples: A Literatura-Mundial não só depende da semi-periferia, como vive da periferia.

XI

Na sua célebre tese onze, Marx é lapidar: “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*”. A grandeza de Marx reside não só nesse processo de auto-crítica, como no fato de isso ainda hoje ser verdade e de a ânsia por um mundo melhor não se ter

esbatido de modo algum. Não vejo qualquer superação dessa tese nem nada que a tivesse vindo a refutar. A ver algo possivelmente questionável no enunciado da tese seria o fato de que o mundo de modo algum ficou parado desde 1845 quando Marx primeiro escreveu as teses sobre Feuerbach. Pelo contrário, a velocidade das mudanças é uma das características da Modernidade. Só que grande parte das mudanças tem sido para pior e, depois de um breve período de calma relativa em que verdadeiro progresso foi alcançado em vários campos, hoje em dia parece que estamos numa marcha forçada para trás. Sintomaticamente, os defensores daquilo que apresentam como mudanças radicais e saltos (mortais) em frente, como os *Brexiters* e os seus sonhos de regresso a um glorioso passado imperial – que só existiu na sua imaginação; é bom lembrar que Portugal de modo algum tem exclusividade neste tipo de ilusões – aos vários regimes populistas de (extrema) direita, incluindo o atual governo dos EUA e do Brasil, todos olham com grande nostalgia para o passado e redobram os elogios à ideia de Nação. Mas que badalada foi essa? Será possível, o sino pessoano da minha aldeia, a esta distância? De modo algum teria a leviandade de pensar por um momento que fosse que a Literatura-Mundial seria o instrumento capaz de transformar o mundo e no entanto, ao testemunhar e resistir, ao identificar-se tantas vezes com os oprimidos, ao mergulhar no naufrágio, como Adrienne Rich o disse, ao tracejar nas suas formas, temas, e motivos, a iníqua desigualdade do sistema capitalista moderno, ao forçar a língua ao ponto do excesso, ao questionar preconceitos de todo o tipo e ao recusar as barreiras e fronteiras que lhe estão incessantemente a ser impostas, a Literatura-Mundial tem pelo menos o potencial de sustentar os que poderão vir a efetuar a tal transformação do mundo que reduza ao máximo possível a desigualdade que só tem alastrado e aumentado nos tempos mais próximos. A este respeito é de lembrar igualmente outra das imagens convocadas por Walter Benjamin na sua sexta tese sobre o conceito de História: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”, Walter Benjamin, “Sobre o Conceito de História”, 224-225). Já é tarde. Esta tese afinal não é a tese onze e muito menos a tese onze da tese onze. A bem ver ela deveria ser, ela é, a tese onze meia, não é assim? Se uma meia tese parece uma pobre coisa desconsolada, neste caso ela era absolutamente necessária, não só para tentar descentrar este projeto como para introduzir mais um

elemento de imperfeição, de impureza – se onze já é ímpar, onze e meia é mais um estilhaço apenas, um pequeno caco de nada. Já é tão tarde, as onze e meia já soaram, daqui a pouco será meia-noite, mas a Literatura-Mundial continua a devir. Continua, não como estandarte do privilégio milenar e de uma desgovernada desigualdade assente e mantida por uma certa imagem da tradição sua cúmplice, mas como arauto da necessidade de proteger os mortos, transformando o mundo.

Referências

- ANDERSON, Benjamin. *Imagined Communities*. London e New York: Verso, 1983.
- ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Thesen über den Begriff der Geschichte. *Gesammelte Schriften*. TIEDEMANN, Rolf e SCHWEPPENHÄUSER, Hermann, (orgs.). Frankfurt a.M.: Suhrkamp, vol. 1.2, pp.691-704,1980.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. *Obras Escolhidas*. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BUTLER, Judith. *Antigone's Claim: Kinship Between Life and Death*. New York: Columbia University Press, 2002.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- CHANTER, Tina. *Whose Antigone? The Tragic Marginalization of Slavery*. Albany, NY: SUNY Press, 2011.
- DAMROSCH, David. *What is World Literature?* Princeton: Princeton University Press, 2003.
- DAMROSCH, David. World Literature in a Postcolonial, Hypercanonical Age. In: SAUSSY, Haun. *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, pp. 43-53, 2006.
- DÉBORD, Guy. *La société du spectacle. La théorie situationiste*. Paris: Buchet / Chastel, 1967.
- JAMESON, Fredric. *A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. London and New York: Verso, 2002.
- JAMESON, Fredric. Antinomies of the Realism-Modernism Debate. *Modern Language Quarterly*, 73.3, pp. 475-485, 2012.
- LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *Il Gattopardo*. Roma: Feltrinelli, 1958.

- LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *The Leopard*. Trad.: Archibald Colquhoun. London: Vintage, 2007.
- LE BRIS, Michel, ROUAUD, Jean, ALMASSY, Eva. *Pour une littérature-monde*. Paris: Gallimard, 2007.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MARX, Karl. *Thesen über Feuerbach*. In: *Marx-Engels Werke*. Berlin: Dietz, 1969. <http://gutenberg.spiegel.de/buch/-4982/1>.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifest der kommunistischen Partei*. London: Bildungsgesellschaft für Arbeiter, 1848. http://www.deutschestextarchiv.de/book/view/marx_manifestws_1848?p=6. *Manifesto do Partido Comunista*. Edições Avante. <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap1.htm>.
- MORETTI, Franco. Conjectures on World Literature. *New Left Review*, 1, pp. 73-81, 2000.
- QUEIROZ, Eça de. *A Illustre Casa de Ramires*. Porto: Livraria Chardron, 1900.
- QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil, 2016.
- PESSOA, Fernando. *O Livro do Desassossego*. PIZARRO, Jerónimo (org.). Lisboa: Tinta da China, 2013.
- RICH, Adrienne. *Diving Into the Wreck: Poems, 1971-1972*. New York: W. W. Norton & Co., 1973.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. IN: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (orgs). *Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade*. Lisboa: Afrontamento, 2001.
- SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham, NC: Duke University Press, 2004.
- WARWICK RESEARCH COLLECTIVE. *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World Theory*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.